

Texto:

Maurício de Moraes

PAÇO MUNICIPAL

Fotos:

Nelson Chinalia

Proclama-se que há um plano destinado a derrubar a velha casa da Regente Feijó, esquina da Ferreira Penteado. O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo, já houve por bem decidir que referido prédio é de inegável valor histórico e que, por isso, deve ser tombado. Sua preservação dar-se-ia juntamente com o antigo Mercado Municipal de Santo Amaro, a Casa de Monteiro Lobato, em Taubaté, o sótão do Padre Inácio de Cotia, o sítio de Santo Antonio, em S. Roque; imóveis dos séculos XVII e XVIII em Santana do Parnaíba, a sede da Velha Fazenda Pau D'Alho, de São José do Barreiro; a aldeia turística de Carapicuíba, a Casa de Oswaldo Cruz, em São Luiz de Paraitinga, além de muitos outros marcos de uma história concebida em

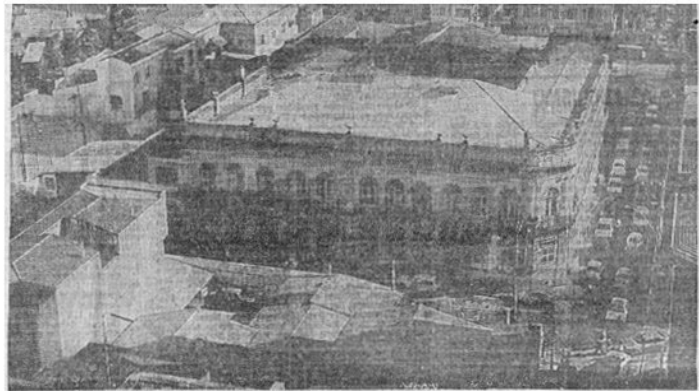
dignidade e no amor às tradições que servem para engrandecer a nossa gente.

Toda a gama de afirmações históricas paulistas, dentro do contexto da relevância histórica do Brasil, constitui riqueza incalculável que há de ser apreciada pelas gerações de amanhã. O Palácio dos Azulejos não foge à regra. É a presença da cultura, da arte, do bom gosto, do espírito de que se revestiram os bandeirantes para fixar as pegadas do seu amor aos valores espirituais de que a humanidade não prescinde para afirmar-se no calor dos séculos.

Nos países civilizados, mesmo naqueles onde o progresso se dinamiza em todos os sentidos, a ordem é preservar o que representa a obra dos antepassados. Assim tem acontecido nos Estados Unidos, no México, no Canadá, como de res-

to em alguns Estados do nosso País, notadamente na Bahia, em Pernambuco, em Minas, em Goiás ou no Rio Grande do Sul, onde o patrimônio zelador de sua história tem procurado assegurar riquezas de tempos idos, a fim de conservar o embasamento dos seus destinos.

Construído com pastilhas, pisos, azulejos e outros materiais importados, com nuances do século passado, o Palácio dos Azulejos concentra valores sem conta. Ele espelha a Campinas de ontem, que é a Campinas de sempre. Não pode, portanto, ser colocado à disposição dos que desejam o progresso, como aliás é normal, mas que não devem e nem têm o direito de demolir as obras que gravam a grandeza da história.



ENTRE EDIFICAÇÕES DE ESTILO MODERNO, numa cidade que se renova, o Palácio dos Azulejos se destaca em sua imponência.